



IMIGRAÇÃO DE BRASILEIROS PARA O PARAGUAI: POLÍTICAS DE INCENTIVO, FIXAÇÃO E FRONTEIRAS

Andressa Szekut¹

Jorge Eremites Oliveira²

Resumo: Faz-se, neste trabalho, uma reflexão sobre a imigração de brasileiros para o Paraguai e as relações sociais estabelecidas entre esses imigrantes e à sociedade paraguaia. Objetiva-se analisar as políticas de incentivo a essa imigração, bem como os brasileiros se fixam no país estrangeiro, e identificar as fronteiras que se estabelecem. Na perspectiva metodológica, parte-se de bibliografias que tratam sobre o tema, e textos teóricos que abordam poder, fronteiras e memória. Aborda-se a questão de poder, além de político e econômico, a partir da concepção de poder simbólico de Bourdieu. Com isto, adentra-se nas discussões de fronteiras que, conforme esse autor, são relações de força material ou simbólica que buscam uma classificação. Aproxima-se essa questão à discussão sobre memória, que, de acordo com Pollak, é um elemento constituinte de identidade, e essencial para o sentimento de continuidade e coerência. Dessa forma, conjectura-se que a construção de uma memória coletiva é um instrumento de união e de legitimação no espaço, estabelecendo fronteiras - tanto materiais (políticas e econômicas) quanto simbólicas (culturais) - entre o *nós* e o *outro*, a partir das relações sociais de disputas de poder.

Migrar é um processo social complexo que está permeado por transformações territoriais no seu sentido amplo. “Mudar-se” de uma cidade a outra, da zona rural à urbana, de um país a outro, envolve além de uma transformação espacial também social, econômica, política e cultural a partir dos diferentes contatos, fricções e adaptações do indivíduo ou do grupo que se insere nesse processo. São muitas as variáveis que compõem a realidade de um quadro de migração. Os motivos podem ser diversos, como econômicos, políticos, sociais ou simplesmente por “instinto” ou tradição. São vários os exemplos que podem ser observados em estudos sobre migração³ e cada autor faz uma reflexão a partir da realidade vivenciada

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. Bolsista CAPES. andressaszekut@gmail.com

² Professor e pesquisador da Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. eremites@hotmail.com

³ Inúmeras pesquisas sobre diferentes situações de migração, imigração e diásporas são desenvolvidas em diferentes áreas do conhecimento. Alguns autores estudados que abordam a temática são: Denise Jardim, com pesquisa sobre a diáspora palestina no Chuí; Alejandro Grimson com pesquisas de migração e fronteiras a partir

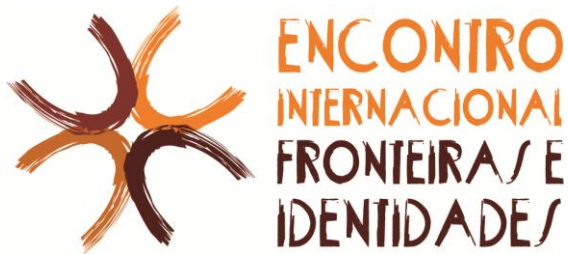


pelos seus sujeitos. Percebe-se que o movimento do processo de migração implica, ao mesmo tempo, em ruptura e continuidade. Ruptura, com muitos dos processos vividos a partir da adoção da nova realidade, mas percebe-se uma busca de continuidade com o passado. As ligações que se buscam estabelecer são diversas, a partir de traços físicos e simbólicos, e podem ser percebidas nas práticas e representações dos migrantes, como em reconstruções, ritualizações e comemorações, trabalhos de memória, em uma acepção a Elizabeth Jelin.

O espaço abordado neste estudo é o do município de Santa Rita, localizado no departamento de Alto Paraná, Paraguai. Este foi emancipado no ano de 1990 e tem sua colonização marcada pela ação de imigrantes brasileiros. Estes brasileiros tiveram incentivos tanto políticos quanto econômicos para se inserir neste processo. De acordo com Sylvain Souchaud e Henrique M. Silva - que desenvolveram trabalhos detalhados sobre a colonização brasileira no Paraguai - o ditador militar General Alfredo Stroessner, em busca do desenvolvimento agrícola e descentralização da população, cria o Instituto de Bienestar Rural (IBR), cuja missão era a organização da colonização pública das terras da região Oriental; e segue o exemplo do projeto implantado pelo Brasil da “Marcha para o Oeste”, implantando no Paraguai a “Marcha para el Este”. Como incentivo para que a população paraguaia, que neste momento concentrava-se principalmente nos arredores de Assunção, colonizasse e produzisse no interior do país. Juntamente com esta iniciativa houve uma aproximação ao governo brasileiro, e se incentiva também a ida de imigrantes brasileiros para colonizarem, a partir da agricultura, a região de fronteira dos dois países.

Assim, dois movimentos ocorreram a partir da década de 1970: o de oeste para leste de uma população paraguaia e de leste para oeste de imigrantes brasileiros, encontrando-se na mesma região, sendo ambos com incentivos do governo central paraguaio. Entendemos que cada um passa a influenciar a formação do espaço de forma diferente de acordo com seus referenciais de passado, suas memórias compartilhadas. Para esta análise, parte-se da premissa de Michel de Certeau (2011) de que toda ação é formadora do espaço. Então conjectura-se que a colonização da região oriental do Paraguai, formada por uma população

da Argentina e países vizinhos; Bella Feldman-Bianco com seu trabalho sobre a saudade com portugueses imigrantes nos Estados Unidos e; Jesus Antonio Machuca e Hernán Salas Quintanal com estudos sobre *desplazamientos*, identidade, cultura e fronteiras no México.



de diferentes origens, constitui o espaço a partir das interações, fricções e definições entre o *nós* e do *outro*.

Entre as décadas de 1970 e 1990, paraguaios e brasileiros entre outros grupos de menos expressão quantitativa, se movimentam progressivamente em direção à região extremo oriental do Paraguai. Souchaud e Silva mostram que os imigrantes brasileiros influenciaram neste processo através da abertura de áreas para cultivo, na implantação da modernização de produção agrícola e também nas relações socioculturais, e que os paraguaios atuaram como prestadores de serviços em propriedades rurais, no comércio, nas questões públicas de infraestrutura. Ambos aparecem como proprietários de extensões de terra, mas a ação de cada um sobre estes espaços são diferentes.

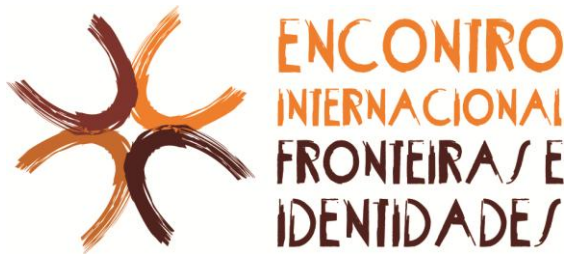
O número de brasileiros que imigram e se fixam no Paraguai é incerto⁴. De acordo com os estudos de Souchaud e Silva o fluxo varia de acordo com a região e a época, tendo diferentes ondas migratórias. O espaço onde hoje é Santa Rita⁵ foi uma área de extensa mata tropical de terras produtivas, mas pouco exploradas até os anos de 1970. Sua colonização acontece a partir da venda deste espaço, feita pela IBR no ano de 1972, a Adelino Vettorello que loteou a área e comercializou os terrenos no Brasil. Nos textos e referências encontrados até o momento⁶ observa-se relatos sobre a região a partir de 1973, com a chegada dos primeiros colonizadores brasileiros, sem menções à existência de população residente no local ou aos migrantes paraguaios.

Tem-se que as atividades desenvolvidas foram – em um primeiro momento, ainda com poucos recursos modernos – de desmatamento de forma graduada e plantação e comercialização de menta, sendo esta a primeira fonte de renda dos colonizadores. A

⁴ Diversas fontes discutem as estimativas de quantos brasileiros se fixaram no Paraguai sem chegar a uma conclusão. Silva aponta que “Os dados demográficos existentes sobre o fluxo de brasileiros até o início dos anos 1980, envolvendo aquelas correntes migratórias, são de certo modo controversos e até certo ponto estimativos. Autores como Fogel (1982), Nickson (1981), baseados em dados do censo paraguaio de 1982, fazem cálculos próximos a 300.000 pessoas; já Miranda (1982), a partir dos dados da FETAEP (Federação dos Trabalhadores Agrícolas do Estado do Paraná), e Pébayle (1994) estabelecem um número aproximado de 400.000. Outros, como Kohlhepp (1984), Nagel (1991), apontam cifras próximas de 320.000, porém circunscritos a três departamentos da região oriental: Alto Paraná, Canindeyú e Amambay.” (2005 p. 171).” E Souchaud (2008) referindo-se ao fluxo de brasileiros no Paraguai até os anos 1990 chega à estimativa de 500.000. Apesar do número incerto de brasileiros residentes no Paraguai, ressaltamos que a população estimada pelo censo de 2012 é de aproximadamente 06 milhões de pessoas, o que mostra a representatividade da presença brasileira no país.

⁵ Dados oficiais do censo de 2002 indicam que Santa Rita tem aproximadamente 16 mil habitantes (DGEEC, CENSO 2002). Mas dados da municipalidade de Santa Rita divergem e apontam um total de 36 mil habitantes. Ambos considerando aproximadamente uma metade de imigrantes e seus descendentes e a outra de paraguaios.

⁶ Este texto faz parte da pesquisa de doutorado da autora, a qual ainda está em andamento, e pode-se ainda encontrar documentos com novas e informações.

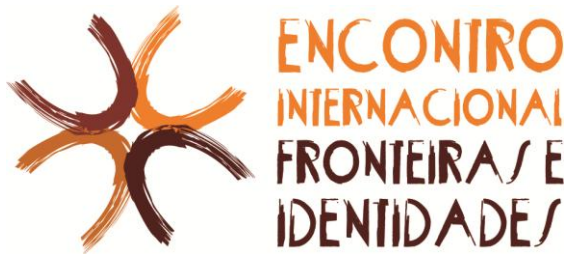


princípio, a infraestrutura básica era inexistente e os colonizadores eram os responsáveis por abrir estradas e desenvolver os meios de sobrevivência. Silva aponta que o poder aquisitivo determinava as possibilidades de ação neste espaço de colonização, e afirma que é com este panorama que o imigrante brasileiro acaba se destacando frente ao migrante paraguaio, pois com mais experiência nas questões agrárias e com reservas econômicas consegue manter-se, investir e progredir. Entendemos que o se “destacar” dos imigrantes brasileiros, apontado por Silva, é devido o sucesso de sua fixação e produção em larga escala neste espaço. Este reconhecimento da ação “desbravadora” do brasileiro na região oriental do Paraguai também se encontra em discursos de agentes autorizados, sobre o município de Santa Rita e região, e leva a legitimação do grupo como pioneiro da região e fixação de suas representações.

A localização⁷ de Santa Rita a desfavoreceu em um primeiro momento perante outras frentes de colonização na mesma região. Com isso, teve desenvolvimento lento até a década de 1990, mas a construção da pista asfaltada no fim da década de 1980 permitiu seu crescimento acelerado e a consolidação das redes migratórias, estas incentivadas, principalmente, pelo “boca a boca” entre imigrantes e suas redes de sociabilidade no Brasil. Santa Rita é conhecida hoje como “A capital do progresso no Paraguai”, e seus protagonistas são os imigrantes brasileiros e a modernização agrícola.

Entende-se que cada indivíduo a partir do seu quadro social tem o seu referencial de passado, e é a partir deste que vai (re)construir o espaço onde se fixa, imprimindo suas características, representações. Percebe-se a definição de representações que demonstram a construção de uma memória coletiva em torno desse grupo de imigrantes e suas ações neste espaço. Conjecturamos que a imigração e fixação em Santa Rita constitua um compartilhamento de memórias entre os brasileiros inseridos neste processo, entendendo memória a partir de Michael Pollak que diz ser “um elemento constituinte de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou um grupo em sua reconstrução em si.” (1992, p. 204). Assim, entende-se a memória como o vínculo de continuidade e

⁷ Santa Rita está localizada no centro do Departamento de Alto Paraná, entre colônias que na época da colonização tinham maior acesso a estradas, isso foi desfavorável para o seu crescimento. Contudo ao se construir uma nova estrada, visando ligar Encarnación a Ciudad del Este e possibilitar a exportação da produção do interior, esta passa sobre Santa Rita.



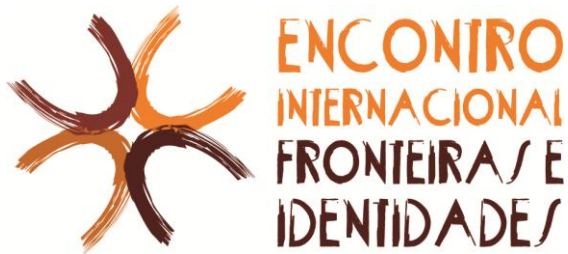
pertencimento que atua na constituição de uma identidade coletiva aos imigrantes brasileiros fixados nesse espaço.

Observamos então o compartilhamento de referenciais nas relações sociais estabelecidas, a partir das representações dos imigrantes neste espaço. Candau nos mostra que a experiência compartilhada e a definição de representações podem constituir uma coletividade que compartilhem da mesma identidade, definindo o “nós” e o “outro”. Entretanto, ao definir um grupo estamos falando de classificação, produção de diferença, ou seja, fronteiras, e entende-se, de acordo com Bourdieu, que a delimitação de fronteiras – tanto materiais como simbólicas – são atos premeditados que pretendem delimitar e fazer-se reconhecer frente ao outro.

Referimos-nos, então, a fronteiras sociais (simbólicas), entendendo que estas são resultado das construções da memória e identidade coletiva, que se amparam em uma definição de representações constituídas e entendidas como referenciais do grupo. De acordo com Roger Chartier, as representações servem para compreender a intencionalidade de um grupo em forjar determinada posição social. De tal modo, cabe entender as representações sociais dos grupos como formas de lutas de poder e fixação de visão no espaço. Elas agem sobre as relações sociais a partir de sua ação mobilizadora exercida pelo seu poder simbólico, em uma acepção a Bourdieu (2001). Nesse sentido, entendemos que as representações demonstram as relações de poder e as fronteiras estabelecidas nas relações sociais.

Em Santa Rita foram observadas algumas relações estabelecidas pelos e entre os diferentes grupos, e podemos ver que cada um atua de acordo com suas referências e o poder que detêm. Em questão de representações e fronteiras, percebemos que o município vai sendo marcado a partir dessas relações de poder entre os grupos. Percebe-se que os imigrantes brasileiros são relacionados com o pioneirismo da região, com a produção agrícola, e a herança cultural brasileira, principalmente sulista, com a reprodução dos valores considerados gaúchos nas construções, nomeações e práticas desenvolvidas. Já a referência paraguaia se percebe pela construção mais rústica, pela herança cultural indígena, pelos traços físicos e principalmente pela presença dos símbolos nacionais nas instituições e áreas públicas.

Nota-se que com a formação e fixação deste espaço complexo criam-se laços físicos e simbólicos que separam brasileiros e paraguaios em grupos distintos, em uma questão de definição entre ambos. Percebemos que as referências que os definem determinam a



segregação entre os grupos de acordo com suas particularidades. Os pontos levantados acima não demonstram todas as representações e relações estabelecidas em Santa Rita, mas permitem visualizar que a partir dos referenciais de passado definem-se práticas do espaço e relações sociais, gerando representações que definem fronteiras tanto físicas quando simbólicas entre grupos. Desta forma, conjectura-se que a construção de uma memória coletiva é um instrumento de união e de legitimação de um grupo no espaço, e que esla pode estabelecer fronteiras entre os grupos, a partir das relações de poder.

Referencias Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 4 ed. Rio de Janeiro: BeltrandBrasil, 2001.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1 Artes de Fazer**. Ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. 17º Eddição.

CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil; Lisboa: Difel, 1990.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**, Siglo Veintiuno editores, España 2001

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

SILVA, Henrique M. **Teuto-brasiguaios no oriente paraguaio**: alguns apontamentos sobre as condicionantes históricas da formação de uma fronteira de caráter binacional. **Diálogos**, v. 9, n. 3, 2005, p. 167-184.

SOUCHAUD, Sylvain. **Geografía de La migración brasileira em Paraguay**. Ed: UNFPA. Asunción. Julio, 2007.